



Comoção e visibilização de temáticas públicas na circulação de casos de vítimas de crime em redes digitais

Eloisa Klein

Resumo: Neste texto, analisamos aspectos de construção de proposições ao espaço público presentes em um conjunto de materiais que fazem circular fragmentos de imagens e conteúdos de grandes coberturas jornalísticas no Youtube. Estes conteúdos circulam de forma difusa entre composições musicais, mensagens religiosas e textos de conforto à dor de famílias que ficaram conhecidas por perderem membros de forma trágica. Escolhemos o estudo de vídeos relacionados às mortes infantis midiaticizadas em extensas coberturas. Observamos que estes vídeos posicionam-se na construção de um campo temático que reflete sobre a preservação da infância, pela comoção com o sofrimento (1) da mãe que perde a filha e da vida feliz interrompida e (2) da comoção pelo conhecimento público da condição de sofrimento em vida.

Palavras-chave: midiaticização; jornalismo; YouTube; Comoção ; Espaço Público.

1. Interações mediaticizadas e tecnologias

Pensamos a midiaticização como um processo social em que as tecnologias e os circuitos midiáticos passam a compor a base de ação das instituições, penetram as interações e a vida cotidiana, com alteração nos “atuais processos sociotécnico-discursivos de produção, circulação e de recepção de mensagens” (FAUSTO NETO, 2008). Estas alterações transformam as matrizes de comunicação e cultura (MARTÍN-BARBERO, 1997), assim afetando nossa percepção da realidade, espaço e tempo, bem como a relação entre indivíduos e instituições. O processo de midiaticização vem sendo marcado pelo “rearranjo e

construção de campos”, “dificuldade de percepção de papéis sociais”, ausência de articulações entre as interações mediatizadas, tipo de acessibilidade ao sentido da realidade e da subjetividade do indivíduo, nos problemas “de circulação, de retorno e de resposta social” (BRAGA, 2006, p.11- 15).

Nesta crescente participação dos processos midiáticos na organização da sociedade, Verón (2001) analisa que a televisão exerceu um grande papel, por possibilitar a predominância de características simbólicas e indiciais, e pela disseminação para grandes públicos, ancorando-se na informação e transmissão direta. Cremos que seja oportuno acrescentar a ascensão do entretenimento como linguagem que transborda toda a produção televisiva (GOMES, 2011) e que se torna a característica de um tempo e cultura midiáticas. Os espaços imaginários formados a partir das experimentações do audiovisual de grande público passaram a ser lugar da produção dos acontecimentos, de administração e negociação no “real” social (VERÓN, 2001). As formas de contato, que antes pertenciam ao cotidiano imediato, passam a ser articuladas em dinâmicas midiáticas, sendo o discurso impregnado pela técnica. Esta lógica promove a “ascendência de uma determina realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, tendo como referência a própria existência da cultura e da lógica midiáticas” (FAUSTO NETO, 2009), num ambiente técnico-interacional.

Estas características são fortemente desenvolvidas com as tecnologias que possibilitaram que a internet se popularizasse como espaço interativo, de troca de ideias, de conversa e de produção de conteúdos. A conexão entre fragmentos de cotidiano, vistos na forma de conteúdo e ações de pessoas, em ferramentas que permitem a reunião coletiva, com a realização de comentários ou colaborações, esteve na base do que se denominou internet participativa ou colaborativa, no início dos anos 2000, valorizando-se a partilha de conhecimentos de indivíduos comuns, com outros, e a constituição de redes que se populariza no final do decênio.

Numa perspectiva de análise da organização de conteúdos em direção ao espaço público ou em direção a instituições, a participação na produção de conteúdo pode ser

percebida como uma mudança de foco da comunicação: a centralidade que recaía sobre o que seria um produtor de conteúdos se torna difusa, na análise de circuitos comunicacionais. A tendência de se encontrar por aproximação de interesse (e não apenas fisicamente), é largamente desenvolvida (VIEIRA, 2008), e pode resultar debates de assuntos comumente vividos pelos membros do grupo, construção textual coletiva, e mesmo disputas e relações que têm em conta aspectos de reputação e confiabilidade (CHRISTOFOLETTI, 2007). Há uma ênfase ao tipo de relação de confiança estabelecida entre quem lê e quem oferta conteúdo.

Esta perspectiva vincula-se fortemente a uma análise das relações intencionais, desenvolvidas a partir da linguagem, visando uma pauta. Torna-se pertinente, sobretudo, para a observação de processos de produção que partem ou tem a ver com a agenda pública de temas, eventos, problemas – que durante os séculos XIX e XX foi centrada no campo do jornalismo. Esta diversificação da produção resulta num tensionamento às indústrias culturais, antes centralizadoras da criação e distribuição de conteúdo. As ações fragmentadas, sem unicidade aparente, que podem vir de qualquer canto, desafiam todos as instituições socialmente reconhecidas.

Ao analisar os protestos pelo mundo, Castells (2013) avalia que este tensionamento às instituições está relacionado a um amadurecimento na vivência social destas instituições (o que propicia que sejam questionadas), a um aprendizado social midiático, que decorre dos séculos em que se desenvolve a midiatização do social, e a um esgotamento com o modelo de organização da vida. Um componente particular está relacionado à lógica do que é sentido: a “superação do medo, mediante a aproximação construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano”.

Estas observações sobre a emoção como componente do que fazemos ao tratar dos assuntos que predominam no espaço público pode ser pensada a partir de análises sobre a televisão. Análises e proposições teóricas recentes consideram a TV como algo a mais que uma teia de conteúdos informativos, mas que envolve emoções (WILLIAMS, 2003), contato e indicialidade (VERÓN), circularidade autorreferencial (FAUSTO NETO, 2009), sensação

de presença (FECHINE, 2006), entretenimento como linguagem (GOMES, 2011). Toda esta variedade de realizações da televisão participa da construção dos assuntos tratados tendo em vista o espaço público. De modo similar, este tipo de complexidade está igualmente envolvido na produção dispersa de pessoas que não estão vinculadas a segmentos profissionais das indústrias midiáticas, mas que se apropriaram da vivência midiática, do aprendizado tecnológico e da disponibilidade de recursos e redes para espalhar conteúdos para desenvolver sua produção.

Em decorrência de estudos anteriores envolvendo casos de grande repercussão social, tenho acompanhado o prosseguimento destes casos nos comentários em notícias, fotos, vídeos lançados pelo jornalismo tendo por base estes conteúdos. Em diversas ocasiões, procurando notícias recentes postadas no site YouTube, deparei-me com vídeos produzidos pelas pessoas que usam o site, redistribuindo conteúdo jornalístico ou (re)criando conteúdos sobre vítimas de tragédias que tiveram extensa cobertura midiática. Uma característica comum destes vídeos parecia ser o caráter de homenagem às vítimas de crimes. Tendo em conta uma pesquisa mais ampla que pretende analisar aspectos de tensionamento e aproximação entre o jornalismo e circuitos sociais dispersos, nas redes digitais, procurei assistir à maior quantidade possível destes vídeos. Assim, acompanhei vários casos, que permitiam observar uma transcendência de ângulos comuns: a homenagem, a utilização de fotografias em grande quantidade e variedade (o que pode-nos fazer inferir um grande trabalho de captação, reunião e reaproveitamento destas imagens) e um caráter que me chamou atenção: a construção de um posicionamento com relação ao espaço público, na formação de opinião, a partir da compaixão.

A lógica da compaixão, na perspectiva de Paulo Vaz, é pensada em relação à igualdade, tendo em conta os lugares ocupados por quem pode ser objeto de compaixão – ou a quem se oferece solidariedade. Historicamente, em sociedades sem a universalização da moral, a solidariedade tinha a ver com o laço comunitário (quem pertence ao grupo) e era obrigação de pessoas específicas. Por outro lado, mesmo sociedades com regras universais, como os gregos, não tinha, necessariamente, uma obrigação de solidariedade ao

desconhecido (por exemplo, a aceitação da escravidão para uns dá a entender que se concebe um sofrimento “inevitável ou merecido”).

No cristianismo, quebra-se a diferença e todos devem ser solidários com o sofrimento do estranho, mas não é feita a relação entre sofrimento e causa social. Paulo Vaz toma a análise de Hannah Arendt para afirmar que a revolução francesa, ao tornar o sofrimento de estranhos como espetáculo, parte deste reconhecimento para a necessidade de uma ação política, que possa reduzir ou eliminar o sofrimento. Com isso, admite-se que o sofrimento não depende da moralidade ou imoralidade do que sofre, ou de uma forma de merecimento.

Nesta lógica de pensamento, a retórica (Vaz analisa casos midiáticos) se baseia na piedade. Há o sofredor, o responsável pelo sofrimento e o observador. A retórica se volta ao observador, que “pode fazer alguma coisa a respeito” (VAZ, 2014, p. 5). Assim, “além de se compadecer, se enternecer e se indignar”, a audiência “deve agir politicamente”. Nos séculos XIX e XX, como alguns que não sofrem se beneficiariam dos que sofrem, estão em dívida com os sofredores. Os sofredores são considerados não em sua singularidade, mas naquilo que carregam de uma condição partilhada por muitos. A esquerda passa a pautar a questão de que a hierarquia social determina condição de sofrimento para muitos e deveria ser destruída, para suprimir as condições culturais de produção do sofrimento. Este sofrimento deveria ser dado a ver, para que seu desconhecimento não produzisse a indiferença. Quando acionada esta lógica retórica, este era o padrão midiático adotado. Paulo Vaz identifica mudanças de valores que, transformando a concepção de sofrimento, gradualmente mudam também a retórica:

Cada vez mais, acredita-se que o melhor é que o próprio sofredor se represente para a audiência, pois ninguém pode falar em seu nome e só pode falar de uma condição quem passou por ela. Desde quando surgiu a Internet, esse dispositivo técnico que permite a qualquer um tornar-se emissor, a recusa da distância entre representante e representado, entre, no caso, observador e sofredor, permitiu a explosão dos relatos autobiográficos na forma testemunhal. Essa autoridade da experiência provoca ainda a ascendência de novos critérios de verdade na narrativa jornalística, principalmente estar próximo do evento e ter corrido risco pela proximidade (VAZ, 2014, p. 9).

Neste texto, analisamos aspectos de construção de posição no espaço público presentes em um conjunto de materiais que fazem circular fragmentos de imagens e conteúdos de grandes coberturas jornalísticas. Estas produções caracterizam elementos de midiaticização via adoção do procedimento de visibilização midiática, estratégias narrativas baseadas em personagens com composição baseada em fotos e materiais audiovisuais, linguagem com fundamento de entretenimento, com imagens trabalhadas, editadas, destaque ao som ambiente e utilização de trilha sonora.

Estes conteúdos circulam de forma difusa entre composições musicais, mensagens religiosas e textos de conforto à dor de famílias que ficaram conhecidas por perderem membros de forma trágica. Escolhemos o estudo de vídeos relacionados às mortes infantis midiaticizadas em extensas coberturas. Ainda que acionem elementos de entretenimento, trabalham aspectos de visibilização de temas do presente vivido, dialogando com lógicas jornalísticas, desde a captação de material, lógicas narrativas, acionamento de informação e proposição pública com fundamento do conhecimento de um problema e promoção da comoção. Observamos que estes vídeos posicionam-se na construção de um campo temático que reflete sobre a preservação da infância, pela comoção com o sofrimento (1) da mãe que perde a filha e da vida feliz interrompida e (2) da comoção pelo conhecimento público da condição de sofrimento em vida.

2. Personagens de casos midiáticos e circulação

Casos de grande repercussão social que adquirem expressivo tratamento midiático frequentemente relacionam-se uns aos outros, acionando tipos de abordagem, tratamento do conteúdo, recorrência a peritos e pessoas comuns, acúmulo de ações relacionadas à organização narrativa assumida desde o primeiro evento até o desfecho ou diminuição de atenção ao caso midiático. O emaranhado em que se desenvolvem os casos que adquirem grande repercussão social e uma ampla e extensa cobertura midiática provoca o questionamento à tese (PARK, in BERGER; MAROCCO, 2008) de que o jornalismo se

interessaria por acontecimentos dispersos, casos isolados, com ausência de conexões. Tendo em conta que nossas interações carregam conhecimentos prévios, mas também constroem coisas novas no momento em que se realizam, construindo a própria interação (BRAGA, 2011), observamos que as experiências relacionadas ao trabalho ou contato com um caso (midiático ou não) formam competências para experiências com outros casos. Nesta perspectiva, podemos desenvolver uma análise que, embora sustentada pela atenção ao detalhe das operações desenvolvidas nas notícias, volte-se às processualidades jornalísticas e sociais.

A cobertura jornalística de casos de grande repercussão social diferencia-se da cobertura de fatos imediatos e acontecimentos de menor amplitude. As empresas jornalísticas designam mais profissionais e mais recursos para a cobertura, os produtos midiáticos concentram maior tempo e espaço para as notícias do caso e vertentes relacionadas ao eixo central do caso são exploradas para o que se convencionou chamar de “grande cobertura”, tornado a situação um caso midiático, que expande as limitações do interesse de um ou outro campo social, tornando-se um “caso midiático”. O caso midiático é definido a partir da complexa abordagem da noção de “caso” por Aníbal Ford. O caso é tomado como “algo que sucede a nível individual ou microssocial e que é exposto mediante uma estrutura basicamente narrativa” (FORD, 1999, p. 246). Com alguma frequência, este tipo de caso impacta as estruturas sociais: recentemente, observamos como o caso Isabella Nardoni mudou a atribuição de valor à atividade profissional da polícia científica e tensionou o Congresso brasileiro para agilizar a alteração na lei criminal, que vinha sendo estudada.

Numa abordagem conceitual complexa sobre o estudo de casos midiáticos, observa-se como esta estrutura narrativa – ainda que pese a diferença com modelos hierárquicos rígidos de notícia – também proporciona a ativação de circuitos comunicacionais diversos, relacionados ao tipo de questionamento jornalístico levantado sobre o mundo, perfis de indivíduos, situações cotidianas, definição de contexto, tipo de questões sociais que se mostram relevantes em uma sociedade.

3. A felicidade interrompida e a celebração de marcos de vida e morte

Pesquisas de vídeo e imagem sobre o caso Isabella misturam imagens de arquivo pessoal da mãe da menina (disponíveis, à época do assassinato, no Orkut), imagens de produção de imagens de imagens midiáticas e imagens retrabalhadas por outras pessoas, fora do circuito midiático e igualmente não pertencentes ao circuito da vida familiar da menina. Um dos vídeos de homenagem à Isabella, publicado por um usuário do Youtube, aparece em segundo lugar na busca orgânica do Google (a busca que não relaciona anúncios). Utilizando este link, encontramos outros vídeos de homenagem à Isabella, na lista de vídeos relacionados. Em alguns vídeos, a parte destinada à descrição é usada também para enfatizar a ausência de parentesco entre a pessoa que posta o vídeo e a menina. Há usuários que postam vários vídeos em homenagem à menina e à mãe:

A midiaticização intensa do caso Isabella resultou em índices impressionantes de visualização dos materiais a ela relacionados. O vídeo que aparece em destaque no sistema de busca tem mais de 16 milhões de visualizações (tendo sido supostamente visto todas estas vezes).



Figura 1 Vídeo conta com milhões de visualizações.

Os vídeos-homenagem encontrados têm uma estrutura similar: uma seleção de fotos que recompõe fatos, lugares, eventos, momentos da intimidade de Isabella. Em muitas das fotos, Isabella aparece acompanhada pela mãe, cuja presença no circuito midiático é intenso durante toda a investigação de assassinato. Alguns vídeos surpreendem pela utilização de arquivos de fotos de Isabella bebê, não tão comuns em circuitos jornalísticos à época de sua

morte. A quantidade de imagens permite observar uma pesquisa de dados intensa pela pessoa que organizou o material.



Figura 2 Fotos de arquivo pessoal reutilizadas para vídeos de homenagens.

Algumas estratégias de edição apresentam-se desde a escolha dos materiais de arquivo, como vídeos relacionam fotos do enterro de Isabella, fotografias da mãe, Ana Carolina, chorando, com a camiseta da menina, que recuperam a noção do sofrimento materno associado ao acontecimento. Esta relação é constituída em oposição à noção da felicidade partilhada por mãe e filha em todos os eventos cujos registros fotográficos fazem parte dos recortes operados para os vídeos. Além disso, observa-se que a seleção de imagens segue critérios de qualidade de imagem, escolha de planos, os títulos, descrições e data da publicação mostram a ligação com eventos como aniversário, morte, julgamento dos acusados.



Figura 3 Fotos de vídeos em memória de dadas e enquadramento de Ana Carolina, em tomada com símbolo da emissora, chorando.

Na qualificação das imagens, há prevalência para o sorriso da menina e ênfase musicalização e até utilização de mensagens, apresentando-se algumas estratégias de pós-edição deste material. Destacam-se utilização de bordas, sobreposição de imagens e associação entre texto e imagens.

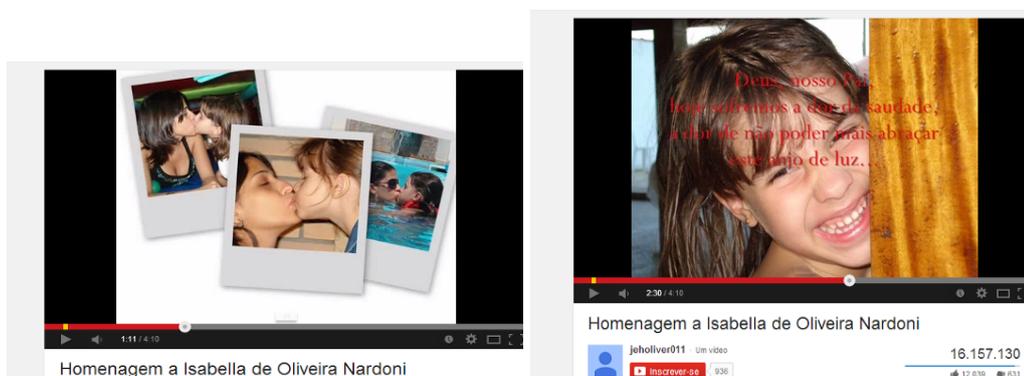


Figura 4 Procedimentos de edição de vídeo.

Os vídeos são frequentemente acompanhados por uma trilha sonora que, em geral, é associada à produção musical religiosa. “Resolvi pedir a Deus para que eu possa te guardar”. Em algumas descrições, os próprios usuários relacionam a letra da música com as fotos e o

modo como interpretam o caso. Há vários vídeos que destacam a relação mãe e filha: “eu fiz esse vídeo em homenagem a ela, agradecendo por ela ter gerado, protegido e amado a sua filha Isabella. A canção diz o seguinte: ‘Obrigado por me amar, por ser meus olhos quando eu não podia ver’”. Em alguns casos, músicas foram compostas para refletir sobre as características do caso e homenagear a menina Isabella.

A marca da gravação feita a partir das transmissões televisivas aparece em algumas cenas escolhidas. Há um híbrido entre material jornalístico, fotos, música e comentários feitos pelos próprios usuários. Esta característica reaparece em gravações feitas por pessoas de suas atividades sociais que dedicaram espaço ao caso Isabella, incluindo missas e participação com músicas feitas para a Isabella.



Figura 5 Missa em homenagem à Isabella Nardoni, à esquerda, e menina cantando música para Ana Carolina Oliveira (a mãe), em programa de TV, à direita.

Há missas e programas religiosos postados na internet e pessoas que fizeram vídeos em homenagem a menina são chamados à televisão, sendo os vídeos parte de uma re-circulação no YouTube.

4. Culpa, consolo e indignação social

Os vídeos feitos em homenagem ao menino Bernardo Uglion Boldrini, assassinado em abril de 2014, seguem características comuns ao tipo de formato apresentado dos vídeos feitos em homenagem Isabella, com músicas religiosas e fotos acompanhadas por mensagens. O vídeo intitulado “In memoriam do pequeno Bernardo Uglion Boldrini” combina mensagens escritas sobre fotos e citações: “apenas queria ser amado, dando uma chance para seu ‘pai’”; “A gente não esquece. O que a memória ama, fica eterno”. O vídeo se direciona diretamente ao debate público, usando uma imagem da bandeira nacional com a frase: “acorda, Brasil!”. Este vídeo também aciona aspectos relacionados a outros sites de redes sociais, como o pôster convidando para a troca da foto de perfil por uma foto de Bernardo, utilizando a hashtag #corrente_do_BEM.



Figura 6 Conclamação à ação pública em redes sociais.

O posicionamento com relação ao debate público mostra-se claramente vinculado ao jornalismo em outro vídeo homenagem, que inicia com imagens das manchetes jornalísticas sobre o caso.



Figura 7 Chamamento ao debate através do jornalismo e diretamente à sociedade.

Um destes vídeos homenagem foi utilizado como fonte para uso de imagem documental por um canal jornalístico ([TvABCD WebTV](#), programa Vídeo Notícias), mostrando o menino com um cartaz com o nome da madrasta escrito. A foto havia sido utilizada em uma atividade da escola, em razão do dia das mães. A música do clipe diz: “mãe, me dá teu colo, mãe!”. Vídeos cedidos pela escola para emissoras de televisão, que foram exibidos em telejornais, voltam a circular em canais alternativos, vinculados a pessoas externas ao campo do jornalismo. Fotos e vídeos auxiliam a reforçar o tom de desconforto com a situação de abandono familiar em que Vernardo vivia.

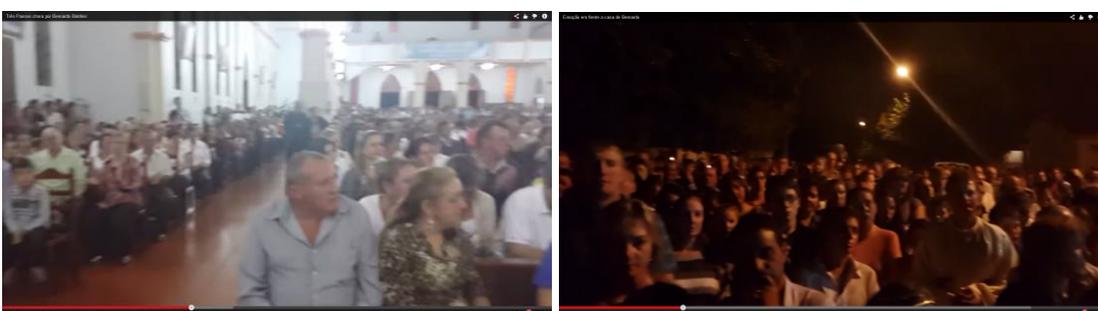


Figura 8 Vídeo divulgado por escola, reproduzido em redes sociais e transmitido em emissoras de TV, para circular outra vez no YouTube.

A comoção com a descoberta das condições em que a criança estava vivendo está presente na escolha das músicas que acompanham os clipes. “I am not afraid anymore”, diz a letra de clipe combina imagens de colegas de escola expondo cartazes, com velas, pedindo justiça, fotos de arquivo pessoal (o menino com a mãe e a avó, vestindo camiseta de clube de futebol, na sala de aula, nadando, em quase todas sorrindo), fotos utilizadas como documento relacionado ao caso (como a foto da primeira comunhão do menino, que foi acompanhada por um casal da Igreja – e não pelo pai).



Também entre os vídeos em homenagem a Bernardo são combinadas fotografias do menino com falas e exposições realizadas em sua memória. É o caso da sonora de um texto, acompanhado por músicas e imagens (no texto de descrição do vídeo o texto está completo), e de um vídeo gravado em uma missa realizada em homenagem ao menino. Em vídeo que mostra multidão rezando e cantando em frente à casa em que Bernardo vivia, a letra da música também fala de dor e sofrimento: “Deus te trouxe aqui para aliviar o seu sofrimento; O mundo pode até fazer você chorar, mas Deus te quer sorrindo”.



Diferentemente dos vídeos em homenagem a Isabella, os vídeos em homenagem a Bernardo contêm um maior número de fotos do menino junto com outras crianças, tiradas na

escola e na igreja, no dia da Primeira Comunhão. Estas fotos prevalecem em comparação com o número de fotos do menino com a família. Neste caso, a exemplo do que acontece com as homenagens para Isabella, as fotos privilegiam a mãe, e agregam, em decorrência do fato de a mãe ser falecida, a avó materna, constantemente entrevistada durante as investigações do homicídio. Esta prevalência promove o silenciamento das figuras responsáveis pela morte do menino, que não ganham espaço no vídeo.

No caso de Bernardo, a presença superior de fotos em ambientes públicos reforça a comoção com as informações que assinalavam abandono da figura paterna, sendo a criança órfã de mãe. Esta fala é repetida em textos lidos em homenagem ao menino: “seremos sempre para você uma família que te ama, que sente a tua falta, que sabe que agora você está junto de Deus”, em texto lido em celebração na Igreja da qual ele participava.

5. Considerações finais

O jornalismo participa destas (re)criações audiovisuais, sendo fonte de considerável parte dos recursos imagéticos e informativos. Podemos pensar em características importantes da relação das pessoas com a mídia, analisando uma aceleração da midiaticização, cujas afetações múltiplas, dispersas e totalizantes pode ser percebida na sociabilidade contemporânea, espalhada em circuitos midiáticos-interativos, de entretenimento, de relacionamento e de informação. Estas características são perceptíveis pela interlocução com o espaço público via publicação de conteúdos fora do circuito midiático.

A repetição entre os conteúdos midiáticos, observada por Ignacio Ramonet nos anos 1990, está presente neste tipo de filtragem e reorganização de materiais pelas pessoas fora do circuito industrial, no Youtube. Os circuitos comunicacionais informativos, que já estavam expandidos, proporcionando que todas as instituições mais ou menos organizadas elaborassem estratégias de direcionamento ao público, são acionados por diversas pessoas, com as plataformas de publicação de conteúdos na internet.

Assim como as instituições, empresas e grupos tentavam influenciar o debate público via estímulo à comunicação (RAMONET, 1995), indivíduos ou pequenos grupos também buscam esta forma de participação. Se neste contexto, o controle do que se tornava notícia e a medição de audiências de programas televisivos pressionavam a conformação de correntes de opinião, pressionando por ações políticas, esta dimensão se espalha a este tipo de iniciativa de criação de materiais, divulgação de conteúdos, reaproveitamento dos produtos jornalísticos.

Paulo Vaz (2014) analisa que, em coberturas midiáticas de tragédias, são acionadas noções de felicidade e sofrimento em relação aos papéis sociais que definem o que pauta as ações de solidariedade. Na abordagem de tragédias, parece haver uma ênfase contemporânea às vítimas como pessoas felizes, até o dia da tragédia. Este tipo de construção transcende às lógicas da produção midiática, participando da formulação destes produtos, que circulam em redes digitais.

Observamos que estes vídeos posicionam-se na construção de um campo temático que reflete sobre a preservação da infância, pela comoção com o sofrimento (1) da mãe que perde a filha e da vida feliz interrompida, de Isabella, e (2) da comoção pelo conhecimento público da condição de sofrimento em vida, de Bernardo. No caso das homenagens à Isabella, as fotos remetem aos bons momentos da menina com a mãe, quase sempre sorrindo. Nos vídeos em homenagem a Bernardo, a um tom de culpa coletiva pelo sofrimento da vítima em vida – ou a ausência da felicidade. Embora em algumas fotos ele apareça sorrindo, em outras a uma aparição discreta, em meio a outras crianças. Em ambos os casos, os materiais se dirigem a esta nova composição do espaço público, buscando a comoção e envolvimento

em questões sociais sobre a morte das crianças. Aqui, como nos casos analisados por Paulo Vaz, há a ausência do criminoso como polo de referência informativa.

Referências:

BRAGA, José Luiz. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência.** 15 encontro anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UNESP – Bauru, 6-9 de junho de 2006.

_____. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do **XX Encontro da Compós**, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011. 2011c.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet. Zahar.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Credibilidade jornalística e reputação na blogosfera: mudanças entre dois mundos. 2007. In: 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2007, Aracaju. Anais do 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Aracaju: SBPJor, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Matrizes**, Vol. 1, No 2 abril 2008.

_____. Jornalismo: sensibilidade e complexidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.17-30, dez. 2009.

FECHINI, Yvana. **Uma proposta de abordagem do sensível na TV.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Produção de sentido nas mídias”, do XV encontro da Compós, na Unesp, Baurú, SP, em junho de 2006.

GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 111-130, jan./abr. 2011.

GROSSBERG, Lawrence. **Let’s tell a different story.** Entrevista a LIANG, Island; WONG; Panger; WONG, Hoi-wing; CHAN, Shun-hing. Transcrição de Island Liang. June 2005. Disponível em http://www.ln.edu.hk/mcsln/3rd_issue/pdf/interview01.pdf

GUNKEL, David. Audible Transgressions: Art and Aesthetics after the Mashup. Setembro de 2011.

FECHINE, Yvana. Uma proposta de abordagem do sensível na TV. Trabalho apresentado ao grupo produção de sentido nas mídias, do XV Encontro da Compós, na Unesp, Bauru, SP, em junho de 2006.

FRÓIS, Érica Silva; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A imagem corporal da criança e as novidades do brincar pela internet: um ensaio teórico. Pesquisas e práticas psicossociais 5 (2). São José Del Rei, agosto/dezembro 2010.

LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002

BURGESS, Jean. YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participative transformou a mídia e a sociedade. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola.2003.

MACIEL, Jane C. S. Flickr e o rizoma da fotografia em rede. 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Tradução Ronald e Polito Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

RAMONET, Ignacio. O Pensamento Único e os Novos Senhores do Mundo. São. Paulo: Publicações LCC Eletrônicas, 1995.

VAZ, Paulo. **A compaixão, moderna e atual**. Paper. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014.

VERÓN Eliseo. **El cuerpo de las imágenes**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

VIEIRA, Marli Fátima Vick. Ambiente Wiki na educação: Produção Colaborativa do Conhecimento Compartilhada na Web.

WILLIAMS, Raymond. **Television. Technology and cultural form**. London: Routledge, 2003.

Vídeos com imagens e conteúdo citados:

YOUTUBE. Seis anos sem Isabella. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fzsnPz61YYc_ Publicado em 22/03/2012. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Obrigado por me amar, mamãe. Uma homenagem a Isabella Nardoni e Ana Carolina de Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cRcyIorHBKg>. Enviado em 23/02/2012. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Mas sempre haverá amor, Isabella e Ana Carolina. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d_X6aPVvFuY_. Publicado em 07/12/2012. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Missa Isabella Nardoni. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hYG4farRIDo_. Enviado em 08/04/2011. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Jio – Isabella Oliveira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ycmQjcyFnag_. Enviado em 30/03/2009. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Homenagem à Isabella – música original. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MY-OqsV4Clw>. Enviado em 09/04/2009. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Homenagem à Isabella. Música amor de mãe e filha. Composição. Mairinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VKIzTxaDcXw>. Enviado em 15/04/2008. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Cinco anos sem Isabella Nardoni, a minha infinita princesinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SaeqhAZnTWA>. Publicado em 30/03/2013. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Vídeos mostram Bernardo fazendo homenagens a casal que o matou no Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2Pk0czRy_pg. 23/04/2014. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Homenagem a Bernardo Boldrini. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IeMZy3DWFdc_. 21/04/2014. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Bernardo Uglione! Um anjo passou por aqui!. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2fGCHFPVAao_. Publicado em 21/04/2014. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Emocionante e linda Homenagem ao pequeno Bernardo Uglione Boldrini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tzYzkma4dN8>. Publicado em 21/04/2014. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. In memoriam do pequeno Bernardo Uglion Boldrini. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U88ZCSH_bv4. Publicado em 25/05/2014. Consultado em julho de 2014.

YOUTUBE. Três Passos chora por Bernardo Boldrini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skqOiFqW0y8>. Publicado em 21/04/2014. Consultado em julho de 2014.